

CAPABLANCA, GÊNIO "OPERATIV"!

Henrique Marinho

hsam@terra.com.br

BREVES DADOS BIOGRÁFICOS

Capablanca nasceu em Havana em 19 de novembro de 1888. Foi campeão mundial de 1921 a 1927 e morreu aos 53 anos, no dia 8 de março de 1942, em New York.

O 3.º Campeão Mundial, entre 1910 (New York) e 1939 (Buenos Aires) jogou 584 partidas em 43 competições oficiais (37 torneios e 6 matches) com 297 vitórias (51%); 36 derrotas (6%) e 251 empates (43%) ou 72% de eficiência. Em torneios foram 485 partidas: ganhou 271 (56%); perdeu 26 (5%) e empatou 188 (39%); em matches foram 99 partidas: ganhou 26 (26%), perdeu 10 (10%) e empatou 64 (64%).

Em 1908 fez um giro pelos EUA durante dois meses jogando 560 partidas simultâneas (540 vitórias; 12 derrotas; 8 empates) e 130 partidas exibições contra campeões e destacados enxadristas americanos (126 vitórias; 2 derrotas; 2 empates), excursão que teve imensa influência no desenvolvimento de seu xadrez: "Todo meu embasamento teórico era aprendido na prática e de ouvido" (Capablanca em 1908).

No Torneio de New York 1916 foi derrotado por O. Chajes em 10/02/1916. Voltou a perder no Torneio de New York 1924 ante Ricardo Reti no dia 21/03/1924, completando 8 anos sem perder uma única partida. Nesse período jogou 92 partidas: 61 vitórias (66%) e 31 empates (34%).

Capablanca "é uma das figuras mais admiradas e lendárias da história do xadrez" (Kasparov 2004, p.235). Não é costume dizer "GM Capablanca" tão grande é o personagem ante seu título! Basta dizer Capablanca, e se alguém desejar enfatizar sua grandeza ... então diga: "José Raul Capablanca"!

DOUTRINA "ESTRATEGIA & TÁTICA"

Os ensinamentos de Steinitz, popularizados por Tarrasch reafirmando a "doutrina estratégia & tática", não chegaram como tal até o Brasil. Entretanto, em 1943, no Rio de Janeiro, foi publicado "Jogo de Posição", de Erich Eliskases, com 290 páginas que, traduzida do alemão de manuscrito inédito, teve o mérito de vulgarizar as teorias de Steinitz entre nós, sobretudo depois de difundida por diversos autores nacionais que fizeram a cabeça de gerações e gerações de enxadristas brasileiros. De certa forma até os dias de hoje ainda é visível a influência de Eliskases no pensamento posicional do enxadrista médio brasileiro.

A contribuição de Capablanca foi pontual, restrita a questões posicionais claras e concretas como é o caso dos peões colgantes, do ataque de minorias e da maioria de peões na ala de dama, temas estes que por influência de Eliskases passaram para o acervo steinitziano. Penso que a ausência de Capablanca na didática geral se deu pela dificuldade do entendimento de seu pensamento e estilo de jogo, inclusive por influência dos tratadistas nacionais todos eliskaseanos.

DOUTRINA "ESTRATEGIA, OPERAÇÕES & TÁTICA"

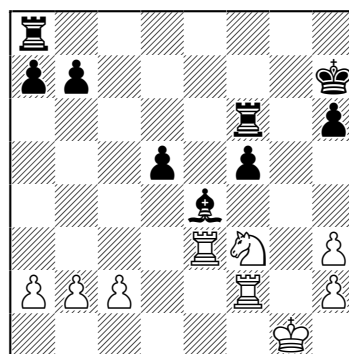
Capablanca não era um jogador de ataque, nem um jogador de defesa: jogava como Morphy, mas sem os ataques combinatorios deste. Especulava como Tal, mas sem os seus caóticos sacrifícios. Capablanca era um jogador posicional diferente do modelo "Steinitz/Tarrash/Eliskases" ou mesmo do modelo hipermoderno-profilático de Nimzowitsch.

Quando se fala em jogador de ataque na tradição eliskaseana (aqui no Brasil) fala-se em jogador tático! Se em jogador posicional, que englobaria o defensivo, se o define como jogador "estratégico"! O que seria então um "jogador posicional"? Um espécime entre o "jogador estratégico" e o "jogador tático"? Como admirador de Capablanca e em busca de uma definição, ficava na dúvida: seria Capablanca um jogador estratégico ou um jogador tático?

Como não conseguia imitar Capablanca, este foi sendo esquecido e essa questão passando para o mundo abstrato dos conceitos onde procurava algo, além da estratégia e da tática, para explicar o xadrez em geral. Cheguei à necessidade de separar a estratégia da tática o que aconteceu em 1979 com o termo "operativ", mas antes tive de passar pelo xadrez romântico (1961-1962), depois pelo eloquente xadrez dinâmico de Tal (1963-1970) e depois mais 8 anos no "limbo"!

"Capablanca ganhava suas partidas principalmente porque pensava em termos gerais que eram desconhecidos para a maioria de seus adversários" (Kasparov 2004, p.274). Quais eram estes "termos gerais" se o próprio Kasparov, do alto de seu áspero criticismo, não respondeu?! Então respondo eu: Capablanca era um gênio "operativ"!

"ESTRATEGEMA DE CAPABLANCA"

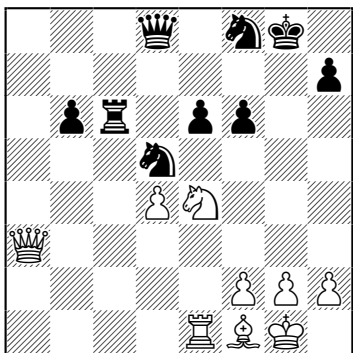


D1: Fahndrich, H. & Kaufmann, A. versus Capablanca. J.R. & Reti, R.; Viena 1914

26...♖b6!! Vi este lance marcante lá no distante 1958! A idéia era tirar a mobilidade das torres brancas na ala de dama para negras poderem jogar livremente.

Ciclo de Palestras do Clube de Xadrez de Curitiba - 01 de Junho de 2011
HENRIQUE MARINHO: CAPABLANCA, GÊNIO "OPERATIV"!

27.b3 Defende o peão mas o lance põe fim a toda mobilidade da torres brancas na ala de dama. Lasker havia sugerido 27.♖b3 com maiores chances de empate, mas gostou tanto do "estratagema de Capablanca" que o aplicou justamente contra seu próprio criador!



D2: Capablanca, J.R. - Lasker, E.
11.ª Partida do Match, Havana 1921

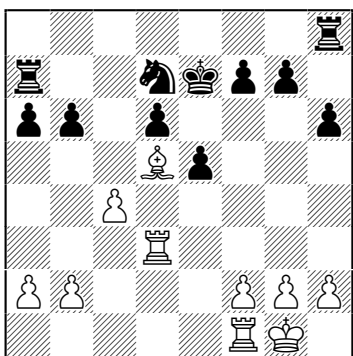
Lasker ameaça f5 seguido de ♖c3, ♗g5 etc.

34.h4! ♖c7! Se 34...f5 35.♗g3+! e ganha. Por exemplo: 35...♗h8 36.♗e5+ ♗g8 37.♗b5 ♖c7 38.♗g5 ♖e7 39.♗c4 ♗g6 40.♗g3 e se 40...♗c8 41.♖xc6! ♖xe6 (não 41...♗xc4 42.♗b8+) 42.♗xd5 ganhando.

35.♗b3 ♖g7! O "estratagema de Capablanca" para forçar g3 e a dama não mais poder dar xeque nessa casa.

36.g3 Para evitar as ameaças f5 e ♗f4, faz o corte da linha exterior de comunicações-LEC da dama branca na coluna-g.

O "estratagema de Capablanca" também a mim havia causado uma grande impressão tanto que no mesmo ano de seu aprendizado, 1958, o apliquei na seguinte partida:



D3: Aranha, T. - Marinho, H.
Torneio ACEC, Campinas, Dezembro de 1958

Havia ganho um peão numa cilada de abertura, mas para avançar com a maioria de peões na ala de rei tinha de quebrar a mobilidade das torres brancas na ala de dama.

20.♖b3 ♖b8 21.♖d1 ♗f6 22.♖g3 ♗xd5 23.♖xd5 g6 24.♖gd3 ♖d7 25.♖a3 ♖a8 26.g3 ♗e6 27.♖ad3 Diante da mobilidade das torres brancas, neste momento me lembrei do "estratagema de Capablanca" e joguei:

27...♖c8! Ataca c4 obrigando sua defesa.

28.b3 Após o qual cessa a mobilidade branca na ala de dama e deixam negras livres para atuarem na ala oposta.

"Tudo muito simples", diria Kasparov tomando meus lances como uma aplicação do "estratagema de Capablanca"!

Pensando assim tudo não passa de uma cópia material da idéia de Capablanca, algo totalmente carente daquela essência de seu pensamento profundo que fazia a integração sistêmica da idéia ("estratagema de Capablanca") no conjunto da competição em geral e da partida em particular.

Também eu não percebia nada disso àquela época, somente acontecendo 20 anos depois em pleno 1979! Com efeito, é correto dizer "estratagema de Capablanca" como algo de aplicação eventual no aqui e agora desta ou daquela posição, mas podemos ver o mesmo fato de um ponto de vista sistêmico: nesse caso o "estratagema de Capablanca" se insere no contexto geral da partida como "defesa filosófica" e daí às novas propostas lógicas, mas isto já é outro assunto!

"Para seus contemporâneos a clareza de estilo de Capablanca era provavelmente mais assombrosa que o jogo mágico de Lasker: aquilo que Lasker produzia no tabuleiro era inexplicável, ao passo que aqui tudo era tão simples! Para Capablanca nada era complicado ou inexplicável numa partida! Qual era a base desse fenômeno? O cubano tranquilamente jogava aberturas clássicas, instantaneamente captava a essência da posição e então jogava por instinto, fazendo, se necessário, cálculos breves porém precisos, e, às vezes, demonstrando idéias profundas. E isso provou ser o suficiente para derrotar quase todos os jogadores do mundo. O paradoxo é que a contribuição de Capablanca para o desenvolvimento do xadrez é muito menos óbvia que a de seu contemporâneo Rubinstein, um verdadeiro inovador que estabeleceu os pilares da teoria moderna. Não obstante, a percepção posicional, suas "petite combinaison" e sua técnica apurada constituíram um material instrutivo essencial para todas as gerações subsequentes de jogadores, incluindo, é claro, futuros campeões mundiais" (Kasparov p.256).

Esta é a dificuldade chamada Capablanca: nada do que faz é óbvio mas sua obra, ainda que desconhecida, é misteriosamente instrutiva, até para campeões mundiais, um paradoxo. Na verdade tudo isso acontece porque percebemos a forma (estratagema de Capablanca) mas não entendemos o conteúdo (operações de defesa filosófica), logo não conseguimos jogar como Capablanca fazia, nem saber porque ele vencida e tudo acabava resumido e explicado pela conjuntura do "fenomenal"! Mas agora, atentos para o viés sistêmico das ações de Capablanca podemos começar a desvendar o que seria a sua famosa "força sobrenatural".

O FINAL COMO SUPEROBJETIVO

"Para o estudo e prática do xadrez convém dividir a partida em três partes a saber: a abertura, o meio-jogo e o final. Estas três partes estão intimamente ligadas umas às outras e seria um grave erro estudar a abertura sem considerar o meio-jogo e o final. Da mesma maneira seria um erro estudar o meio-jogo sem ter em conta o final. O raciocínio anterior demonstra claramente que para se aperfeiçoar no xadrez deve-se estudar antes de tudo o final, pois o final pode ser estudado e aprendido por si só, enquanto o meio-jogo e a

abertura devem ser estudados unicamente em relação ao final" (Capablanca 1942, p.14). Pensamento magistral cujo cerne, "o final pode ser estudado e aprendido por si só", causa uma profunda impressão!

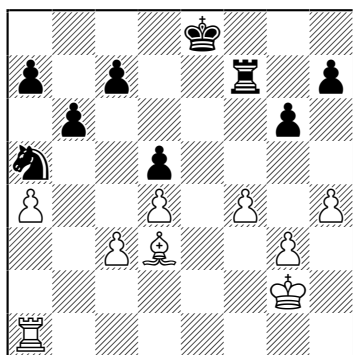
Capablanca ensina que o final (estrutura da partida) está relacionado com o objetivo final da partida (estratégia), geralmente a vitória, no máximo o empate! Porque nos finais as coisas já estão claras e isto é uma garantia da correção do rumo! Dito em outros termos: a "estratégia" (o final & resultado esportivo) está definida, restam as "operações" (chegar no final e desenvolver esse final rumo a seu resultado esportivo) e a "tática", os momentos da conquista do final e depois do resultado esportivo propriamente dito. A posteriori tudo é claro como o estilo do cubano, mas a priori nada é óbvio!

Percebendo a forma sem entender o conteúdo, novamente vem a campo os tratadistas eliskaseanos ensinando que a partida de xadrez divide-se em abertura, meio jogo e final! Em nenhum momento perceberam Capablanca tomando o final (estrutura) como objetivo estratégico de suas partidas, um objetivo estratégico imediatamente anterior ao objetivo final da partida, portanto um objetivo intermediário! Melhor dizendo: Capablanca tomava determinado final (estrutura) como "superobjetivo", o objetivo cuja conquista faz da conquista do objetivo final da partida uma questão de técnica!

Como várias posições-tipo de final (finais temáticos) pertenciam ao inventário operacional de Capablanca, é possível que desde a abertura o cubano já visualizava qual final lhe seria melhor para chegar à vitória e jogava nessa direção. Por menos óbvio que isto possa parecer, a visualização dos finais teve uma influência decisiva na condução da partida por Capablanca: ele sabia onde chegar, logo o que fazer! "Ele [Capablanca] sabia exatamente onde colocar as peças, e era como se pudesse enxergar através da posição. Era por este motivo que o cubano raramente perdia: superá-lo era quase impossível" (Kasparov p.243).

Com essa visualização da partida Capablanca jogava "com tal brilhantismo o meio-jogo que a partida já estava decidida antes do final, ainda que muitas vezes seus adversários nem se dessem conta disso" (Fischer *apud* Kasparov p.355).

A propósito vejamos este final brilhantíssimo:



D4: Capablanca, J.R. - Tartakower, S.
 New York 1924

O diagrama retrata a posição depois do 26.º lance negro: que tipo de raciocínio deve ter empregado Capablanca ao estimar que este seria um final ganhador (superobjetivo) muito antes de seu adversário perceber para onde caminhava?

Primeiro devemos destacar que se a partida tão precocemente já está num final é porque foi forçada a isso! Provavelmente Capablanca aplicou sua "teoria da simplificação" para ganhar, e Tartakower "aceitou simplificar" para empatar! Tremendo desequilíbrio "operativ", uma das explicações da força "sobrenatural" de Capablanca.

Segundo: "brancas tem vantagem na ala de rei e negras na ala de dama" (Reti 1987, p.173). Aqui o termo "vantagem" não é steinitziano (eliskaseano para os brasileiros), não se refere às maiorias de peões mas às possibilidades dinâmicas que eventualmente poderiam ser aproveitadas.

Terceiro: brancas tem dois peões fracos em a4 e c3, o que poderia atrair negras para explorá-los. Se brancas conseguissem atacar na ala de rei com rapidez, essa tentativa negras resultaria numa severa dispersão de forças que aumentaria ainda mais a eficácia do ataque branco.

Mas como brancas poderiam operacionalizar essa ofensiva? Em princípio com a ruptura h5 para atacar aos peões g6 e h7 e criar novas LEC para trânsito de uma força-tarefa (rei + torre)! Mas agora percebam a grandeza do cubano: se escrevo isto depois de saber o que aconteceu na partida, Capablanca intuiu, estimou e percebeu tudo isto bem antes de acontecer até mesmo a posição retratada em D4! "Incrível, mas rigorosamente verdadeiro"!

27.h5! ♖f6 28.hxg6 hxg6 Brancas conseguiram debilitar o peão-g6 e ao mesmo tempo criar uma LEC na coluna-h para uso de sua torre. Somado a isto temos a LEC do rei branco (casas f3-g4-g5), o que dá uma idéia do espaço operacional branco no qual Capablanca consegue operar sua força tarefa (rei + torre) colocando em risco o peão g6 e o rei negro em prováveis ameaças de xeque-mate. Negras são colocadas diante das alternativas de um dilema: defender ativamente também atacando aos peões fracos brancos ou passar à defesa passiva de seu pontos fracos?

29.♖h1 ♜f8 30.♖a7 ♜c6 31.g4! ♜c4 Se agora 31...♜xc3 32.♙xg6 e haveria dois peões passados e conectados.

32.g5! ♜e3+ 33.♙f3 ♜f5 34.♙xf5 gxg5 35.♙g3! Capablanca abandona seus peões para concentrar forças contra o rei adversário e, alternativamente (objetivo alternativo), se o xeque mate não resultar, também contra os peões negros.

35...♜xc3+ 36.♙h4 ♜f3 37.g6! ♜xf4+ 38.♙g5 ♜e4 Seria fatal aceitar o terceiro peão: 38...♜xd4? 39.♙f6 ♜e8 40.♜xc7 ♜xa4 41.g7! ganhando.

39.♙f6! ♜g8 40.♜g7+ ♜h8 41.♜xc7 ♜e8 42.♙xf5! ♜e4 43.♙f6! ♜f4+ 44.♙e5 ♜g4 45.g7+! ♜g8 46.♜xa7 ♜g1 47.♙xd5 ♜c1 48.♙d6 ♜c2 49.d5 ♜c1 50.♜c7 ♜a1 51.♙c6! ♜xa4 52.d6 1-0

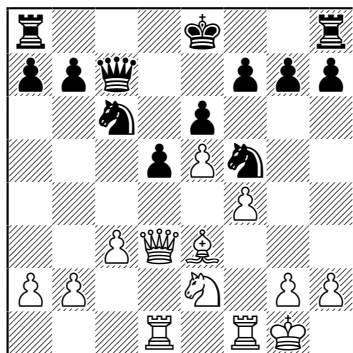
"O jogo claro e metódico de Capablanca é tão fácil de entender que todo o final é uma maravilhosa peça de instrução" (Chernev 1978, p. 151). "Fácil de entender" depois de jogado, a posteriori do mque aconteceu, porque se assim não fosse o grande Tartakower também teria visto tudo e jamais entrado na "tremenda fria" que entrou!

Reti é mais realista: "terminada a partida esta dá a impressão de ser tão natural que qualquer um facilmente esquecerá a dificuldade de tão precioso final" (Reti p.173).

CONSTANTE TROCA DE VANTAGENS

"Capablanca não se obstinava em manter uma vantagem conseguida, senão que estava sempre disposto a trocar uma vantagem por outra" (Reti p.166).

Esse princípio de Capablanca é coerente com sua opção pelo superobjetivo como "determinada posição de final" ou simplesmente "determinado final" a ser atingido. Inclusive até mesmo este "determinado final" também pode ser objeto de troca, mesmo virtual, desde que o "novo final", também virtual, levasse mais facilmente ao resultado esportivo da partida prefixado ao nível de disputa de torneio.



D5: Nimzowitsch, A. - Capablanca, J.R.
New York 1927

15...g6! "A maioria dos mestres teriam sustentado a vantagem com 15...h5, e não cabe qualquer objeção a este método. Mas Capablanca permite a jogada g4 porque viu que, mesmo depois da troca do ineficaz bispo branco, os peões demasiados avançados oferecerão outras vantagens permanentes" (Reti p.166).

"Em posições análogas joga-se h5 para reforçar a posição do cavalo negro mas Capablanca premeditadamente demora este lance a fim de que Nimzowitsch rechace o cavalo debilitando ainda mais o flanco de rei (Panov 1973, p.182).

O lance do texto produz sutil "desequilíbrio psicológico", uma das infraestruturas operacionais. Vejamos: brancas tem "maioria qualitativa de peão bloqueador" (Marinho 2004, p. 48) na ala de rei e, com roque menor negro, o ataque de maioria qualitativa seria com g4-f5. Para manter o bloqueio de f5, negras teriam de jogar o profilático h5 seguido de g6. Iniciando com g6, Capablanca dá a impressão de que errou na ordem de jogadas, o que, por "questão de honra", leva Nimzowitsch a aproveitar-se imediatamente desse "erro" avançando g4 sem perda de tempo. Uma sutileza "operativ" que von Rommel não faria melhor no norte da África!

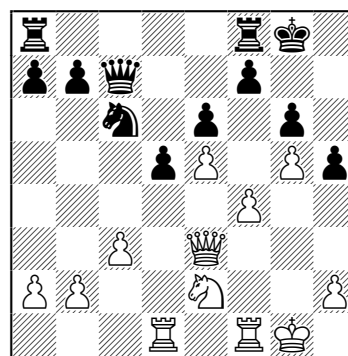
16.g4? Nimzowitsch, coerente com suas teorias, permite Capablanca trocar vantagens: melhor seria 16...f2. Com o lance do texto criam-se fraquezas permanentes na ala de rei: (a) após a troca e3 a diagonal g1-a7 passa a ser uma LEC negra; (b) possibilidade de abertura da coluna-h, mais uma LEC negra; (c) além do maior espaço operacional na ala de dama, agora também na ala de rei.

16...e3! 17.f2 e3 h5! Observar Capablanca operando a troca de vantagens: a ser mantido o f5 haveria a vanta-

gem caracterizada pelo frenado da maioria qualitativa branca. Deixando brancas avançar sua maioria qualitativa o roque branco fica muito debilitado dando uma vantagem às negras muito mais significativa que o frenado daquela maioria com manutenção do f5.

18.g5 Negras voltam a ceder f5 para não abrir a coluna-h mas agora na ausência do bispo de casas negras. Esse jogo flexível de Capablanca, sempre disposto para trocar vantagens cada vez mais favoráveis, deve ser visto como uma forma de manejo para atingir ao distante superobjetivo (final). Acredito que é isso o que mais desconcertava seus adversários que acabavam perdendo sem saber porque perdiam, alimentando o mito da força "sobrenatural" de Capablanca.

18...O-O



D6: Após 18...O-O

Como resultado das operações negras, seu rei está seguro na sua ala e o rei branco muito debilitado se considerarmos a possibilidade da abertura de novas LEC, além da diagonal g1-a7. A base da cadeia branca, peão f4 pode ser atacada com torres desde a 4.ª fila, uma LEC negra. Também a ala de dama é suscetível a pressões e a coluna c pode ser aberta para invasão do campo adversário. Conhecendo-se a partida é fácil explicá-la, assim basta ter os elementos operacionais! "Tudo é simples" (Kasparov), mas para Capablanca antecipar, intuir ou visualizar esses projetos gerais mostra ter uma capacidade fenomenal de domínio da arte operacional no xadrez!

19.d4 Bb6 20.f2 f8 "O plano estratégico das negras é claro: concentrar as peças maiores para romper no flanco de dama adversário, e logo trocar os cavalos para desproteger por inteiro a posição do rei branco, o que facilitará a realização de combinações decisivas. Brancas não podem impedir e terão de limitar-se a uma defesa passiva" (Panov p.183). Detalhe deste comentário: "o que facilitará a realização de combinações decisivas"! Uma espécie de disponibilização para o acaso ou a construção de uma abertura para a sorte! Por experiência própria é que Capablanca sempre dizia que "todo jogador forte tem sorte"!

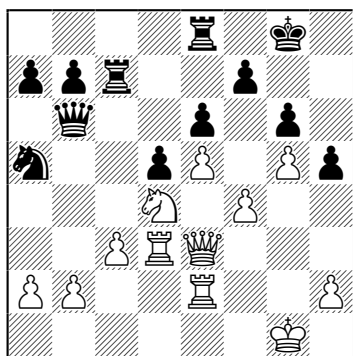
21.a3 "Esta jogada parece debilitar ainda mais a posição branca. Mas não era possível deixar o peão-a2 permanentemente sem proteção devido a que de outra forma teriam de estar alerta contra a surpresa de qualquer "petite combinaison", ataque duplo, etc." (Reti p.166). Reti, como Panov no comentário anterior, e como Capablanca com sua "prática

Ciclo de Palestras do Clube de Xadrez de Curitiba - 01 de Junho de 2011
HENRIQUE MARINHO: CAPABLANCA, GÊNIO "OPERATIV"!

e aprendizado de ouvido", estão destacando as possibilidades de ataques e defesas filosóficas na condução das partidas. Entretanto tudo fica como "insights" valiosos mas jogados ao léu, sem a contextualização de tais conceitos e comentários numa ordem sistêmica, o que faz uma grande diferença!

21...♞c7 22.♞d3 ♘a5 Para seguir com ♘c4 pressionado a ala de dama, mas o lance é uma perda de tempo diante da "resistência" (defesa ativa) de Nimzowitsch.

23.♞e2! ♞e8!



D7: Após 23...♞e8

Seria complicado continuar com idéia original 23...♘c4! ainda que pudesse levar a uma certa vantagem, por exemplo: 24.♟f2 ♘xa3! 25.f5! gxf5! 26.g6 ♘b5! Fiel a seu estilo Capablanca inicia uma nova etapa, agora quer trocar os cavalos para abrir definitivamente suas LEC na concentração de forças contra o rei branco. Observar como as peças de Capablanca até o final vão transitando pela linha de menor resistência e, como a água de um riacho, vão desviando-se dos obstáculos que se apresentam para continuar avançando em direção a seu destino final!

24.♔g2 ♘c6 25.♞ed2 ♞ec8 26. ♞e2 ♘e7 27. ♞ed2 ♞c4! 28. ♟h3 ♔g7 29. ♞f2 a5 30. ♞e2 ♘f5! 31. ♘xf5+ gxf5 Brancas trocam seu peão h5 pela coluna-h e o avanço pela ala de rei: se 32.♟xh5 ♞h8! 33.♟f3 ♞h4! com vantagem.

32. ♟f3 ♔g6 33. ♞ed2 ♞e4 34. ♞d4 ♞c4 35. ♟f2 ♟b5 36. ♔g3 ♞cd4 37. cxd4 ♟c4 38. ♔g2 b5 "O movimento dos peões tem por objeto afastar os elementos inúteis para o alcance da vitória" (Alekhine *apud* Panov p.184).

"A dama e a torre estão limitadas à defesa dos peões d4 e f4 e à proteção de sua segunda horizontal. Agora veremos como isto dá a Capablanca a oportunidade de decidir a partida por "zugswang" (Reti, p.167).

39. ♔g1 b4 40. axb4 axb4 41. ♔g2 ♟c1 42. ♔g3 ♟h1 43. ♞d3 ♞e1 44. ♞f3 ♞d1 45. b3 ♞c1! 46.♞e3 ♞f1 0-1

Uma nota final: "Podemos supor que, com base nesta partida, Capablanca tinha estudado cuidadosamente Mein System e, em seguida, usado todas as teorias nele contidas contra seu inventor!" (GM Keene *in* Chessgames.com).

INTERMEZZO: EVOLUÇÃO DO MEU ENTENDIMENTO SOBRE CAPABLANCA

Em 1958-1960 e mesmo depois em 1961-1967, pela grande influência de Erich Eliskases, ainda que indireta, no Clube Semanal de Cultura Artística, Clube de Xadrez de Campinas e posteriormente na Academia Campineira de Xadrez, enfim, em todo o xadrez campineiro, era dogma dizer que jogador de ataque era um "jogador tático", que o jogador posicional era um "jogador estratégico"; que a "tática" tinha a ver com o ataque e a "estratégia" com o posicional! Mil vezes tive de dizer que Tal não era um jogador tático, etc.!

Quanto a Capablanca, por ser jogador posicional, diziam que era "grande estrategista"; mas as autoridades o destacavam como um "grande tático"! Problemas da doutrina "estratégia & tática"! Fazer o que?!

Depois de praticar o estilo de Tal por oito anos (1963-1970), depois de viver no "limbo" por outros 8 anos (1971-1978), finalmente em 1979 descobri a "arte operacional" no xadrez quando então pude voltar a Capablanca com uma novíssima visão de seu legado teórico, técnico e artístico.

Vendo Capablanca retroativamente e de longa data já sabendo que o mestre cubano não era jogador de ataque nem de defesa, a partir de 1980, agora com o ferramental "operativ", podia dizer que Capablanca foi um brilhante jogador operacional ("operativ"), e ainda dizer e reafirmar que jogava como Morphy, porém sem seus ataques combinatório; e também como Tal, mas sem seus célebres sacrifícios. Capablanca foi, portanto, um jogador posicional diferente do modelo clássico "Steinitz/Tarrash/Eliskases" ou do estilo formatado em "Nimzowitsch". Foi um gênio "operativ"!

ENXADRÍSTICA DA POSIÇÃO

Esta é uma das mais importantes infraestruturas operacionais de meu futuro livro "Xadrez Operacional": a somatória da iniciativa e da coordenação das peças. Mas nosso assunto é Capablanca e diria que ele é no xadrez o que o marechal Estigarribia (paraguaio) e seu emérito discípulo, o general alemão von Rommel, é no militarismo: "gênios operativ".

Em ação, Capablanca colocava toda ênfase na enxadrística da posição daí estas máximas encontradas em seus livros:

"Assumir a iniciativa na primeira oportunidade e tratar de mantê-la" (Ultimas Lecciones, Cuba 1942) porque "A iniciativa, em igualdade as demais condições, é uma vantagem" (Chess Fundamentals, London 1921).

"No meio-jogo o principal é a coordenação das peças, é aí onde a maioria dos jogadores são fracos (My Chess Career, New York 1919).

De posse da iniciativa, termo introduzido no xadrez pelo próprio Capablanca, não forçava decisões táticas favoráveis, deixava acontecer e elas aconteciam, com isso destacando duas premissas fundamentais de seu pensamento estratégico:

(a) o voluntarismo na busca de uma decisão tática é um caminho sem volta que demanda esforços crescentes cujo preço é o decaimento da própria coordenação das peças;

(b) a disposição para trocar uma vantagem por outra, até como concessão ao adversário, pois sabia que nessa troca ocorreria no dispositivo adversário algum tipo de hiato operacional com decaimento da iniciativa e sobretudo da sua coordenação das peças.

Diante desse panorama estratégico e operacional ("operativ") o grande cubano simplificava ao máximo o planejamento

Ciclo de Palestras do Clube de Xadrez de Curitiba - 01 de Junho de 2011
HENRIQUE MARINHO: CAPABLANCA, GÊNIO "OPERATIV"!

to estratégico restringindo-o a determinado tipo de final tomado como superobjetivo, fazendo da vitória um desdobramento técnico natural dessa conquista!

Estando a enxadrística da posição no cerne da operacionalidade, portanto da própria condução da partida, e sendo Capablanca seu grande expoente, a enxadrística da posição aparece a nossos olhos como se fosse o "kernel Capablanca"!

Para encerrar veremos a partida imortal do "Zwischenzug" (Horowitz 1971, pp.78-79).

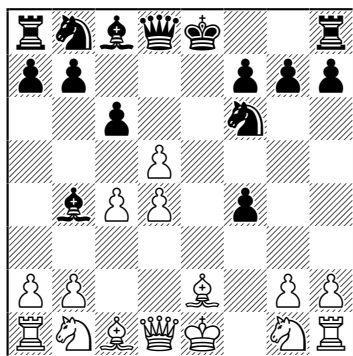
Tartakower, S. - Capablanca, J.R.
New York 1924

1.e4 e5 2.f4 exf4 3.♙e2 A variante "3.♙e2 foi desenvolvida no século XIX pelo mestre britânico [Henry Edward] Bird [1830-1908]. Reintroduzida por Tartakower no Torneio [de New York 1924] onde a jogou por quatro vezes: vitórias contra Bogoljubow e Yates e empate contra Alekhine" (Chessgames.com).

Outra versão: "esta continuação se deve a Jänisch e Tartakower desenvolveu-a de antigos manuais. Sua finalidade consiste em transladar o bispo para f3 e, depois, o cavalo de rei para e2. Entretanto, tal finalidade demasiado trivial não teve êxito" (Panov, p.161).

Panov, biógrafo e opositor de Capablanca, coerente com seu desdém pelo mestre cubano, cavernosamente omite que Tartakower ganhou neste mesmo torneio, com o Gambito Menor do Bispo, duas partidas (Bogoljubow e Yates) e que Alekhine conseguiu empatar (xeque perpétuo) por erro de Tartakower que já estava com a vitória nas mãos! De todas as formas agora era o momento de ver como se comportaria o grande Capablanca onde seus colegas haviam fracassado!

3...d5 4.exd5 ♖f6 5.c4 c6 6.d4 ♙b4+



D8: Após 6...♙b4!

Um lance típico de Capablanca: desenvolve (logo, não é arriscado!!!), é uma estocada (sem compromissos!!!) na luta pela iniciativa e ainda produz duradouro decaimento da coordenação das peças brancas! Morphy e Tal não fariam melhor nessa área crítica da operacionalidade!

7.♙f1 Se 7.♙d2 segue a "petite combinaison": 7...♗e4! 8.♙xb4 ♖h4+ 9.g3 fxg3 ganhando.

7...cxd5 8.♙xf4 "A continuação 8.c5 g5! 9.♗f3 origina uma luta tensa para ambos, mas negras tem maiores possibilidades" (Panov, p.161).

8...dxc4! "As ciladas mais perigosas são aquelas que tem aparência de 'descuido'. É fácil imaginar como se alegrara Tartakower ao supor que o campeão do mundo não havia percebido a perda do bispo; e sem pensar muito fez um movimento que deveria dar-lhe vantagem" (Panov p.161).

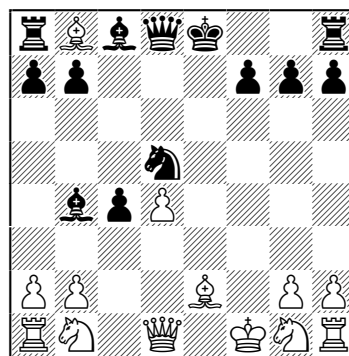
Um comentário até ingênuo mas como explicar de outro modo porque Tartakower caiu na cilada? O que vimos é negras enfrentando um Gambito de Rei e em poucos lances conquistando a iniciativa e até já conseguindo montar essa cilada! Qual o significado de tamanha rapidez? É o jogo voltado para a enxadrística da posição, a essência do xadrez, como busca da iniciativa e de superior coordenação das peças, pelo emprego combinado da constante operacional do plano de jogo e do método indireto. "Apenas isto"!

Isso são operações (nível operacional), mas onde se encontra a estratégia? Resposta: começa na posição inicial sobre a qual, ainda ao nível de disputa de torneio, Capablanca decidiu que tinha de ganhar esta partida! E ganhar significa estabelecer desde já o objetivo final na partida (xeque-mate ou supervantagem) ou um superobjetivo, que no caso de Capablanca, geralmente é alcançar um final favorável.

Temos certeza nessa busca da vitória pelo fato de que Capablanca nas cinco primeiras rodadas, além de perder sua invencibilidade de 8 anos para Reti, havia conseguido apenas 2 pontos. Então ganhar era preciso ... até porque seu enorme rival, o grandioso Dr. Emanuel Lasker, já disparava! Agora, como queria Capablanca, tudo ficara exarcebado com a escolha por Tartakower deste Gambito Menor do Bispo.

Resumo: a idéia básica de Capablanca (plano de jogo), é a vitória, uma estratégia simples como vemos em Morphy e em Tal. Desde o primeiro lance Capablanca operacionaliza a vitória (plano estratégico): primeiro em busca de um desequilíbrio posicional na enxadrística da posição (kernel Capablanca!) para, a qualquer momento, chegar à uma decisão tática favorável, o que acontece agora com sua cilada.

9.♙xb8? ♗d5!!



D9: Uma cilada com 9...♗d5!

Se 9...♗xb8? 10.♖a4+ ganha o bispo, deve ter pensado Tartakower, que não viu o "Zwischenzug" (lance intermediário) do texto.

Porque Tartakower caiu na cilada? Por sorte de Capablanca? Sim, afinal todo forte jogador é um protegido da deusa Fortuna! Mas a explicação que coloco em "Xadrez Operacional", livro que estou escrevendo, repousa sobretudo no conceito de "método indireto" (Liddell Hart 1967, p.34) ou

Ciclo de Palestras do Clube de Xadrez de Curitiba - 01 de Junho de 2011
HENRIQUE MARINHO: CAPABLANCA, GÊNIO "OPERATIV"!

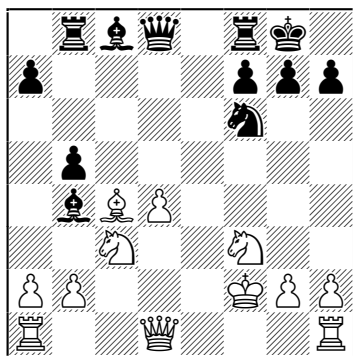
"estratégia da ação" (Beaufre 1970, p.19) a infraestrutura operacional que Capablanca aplica no desenvolvimento de sua idéia básica e de todos os seus planos de jogo. Assim os lances 6...♖b4+ e 8...dxc4 provocaram intenso desequilíbrio posicional absorvido por Tartakower também como desequilíbrio psicológico ao não perceber o "zwischenzug".

Na resultante do processo de condução da partida Capablanca vai desenvolvendo seu plano em direção à vitória sem riscos e sem esforços comprometedores.

10.♗f2 A ameaça ♖e3+ também não poderia ser parada com o retorno 10.♗f4 por 10...♞f6. Esta variante, mais a cilada, formam duas discretas "petite combinaison" muito típicas de Capablanca.

10...♞xb8 11.♗xc4 O-O "Não é frequente que a posição das brancas seja tão passiva no 11.º lance do Gambito do Rei como nesta partida" (Panov p.161).

12.♖f3 ♖f6 13.♖c3 b5!



D10: Após 13...b5

Capablanca poderia ter jogado 13...♗xc3 14.bxc3 ♖e4+ 15.♗g1 ♖xc3 ganhando um peão. "Deixar de ganhar" um peão não envolve o risco de "perder" a partida mas apenas o de "deixar de ganhar" a partida, o que é bem diferente! Este pensamento se encaixa no contexto da estratégia geral do cubano de sempre trocar uma vantagem por outra! Mas ao jogar 13...b5!, uma "petite combinaison" de caráter operacional (sem decisão tática!), faz o manejo da constante operacional do plano de jogo nos termos da enxadrística da posição, desenvolvendo seu plano com a máxima eficácia.

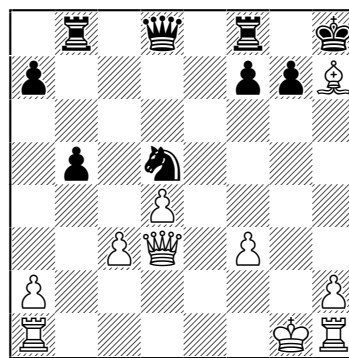
14.♗d3 Se 14.♖xb5 ♖e4+ 15.♗g1 a6 16.♖c3 ♖xc3 17.bxc3 ♗xc3 (recupera o peão) 18.♞c1 ♗b2 19.♞c2 ♗f5 20.♞f2 ♗g4 com vantagem suficiente para um ganho tranquilo nos seguintes termos:

- (a) iniciativa negra;
- (b) decaimento da coordenação das peças brancas;
- (c) inferior estrutura de peões brancos.

Por exemplo, prosseguindo nessa variante: 21.♗f1 ♗xf3 22.♞xf3 ♗xd4 23.♗xa6 ♞b2 24.a4 ♞h4 25.♞e1 ♞g4 26.♞g1 ♗xg1 ganhando. Por certo que Capablanca não deve ter calculado toda a sequência mas ficado apenas no âmbito da "petite combinaison", digamos até recuperar seu peão, pois sabe (e confia!!!) num dos axiomas da solução filosófica: "posição favorável, complicações táticas favoráveis".

14...♖g4+ 15.♗g1 ♗b7 16.♗f5 ♗xf3 17.gxf3 ♖e3 18.♗xh7+ Se jogasse agora 18.♞d3 segue 18...♞g5+ 19.♗g4 ♗xc3 20.bxc3 f5 ganhando. Como se vê a partida evolui por ameaças táticas na forma de "petite combinaison" que, não concretizadas como produtoras de decisão tática com reciclagem da partida, vão desenvolvendo a própria partida com base nos conceitos de iniciativa e coordenação das peças (enxadrística da posição).

18...♗h8 19.♞d3 ♗xc3 20.bxc3 ♖d5



D11: Após 20...♖d5

Uma posição em que se destacam algumas filigranas da constante operacional do plano de jogo:

(a) negras tem várias LEC dirigidas contra o rei branco, por exemplo: diagonal h4-d8 para a dama; b8-b6-h6 para a torre; d5-f4 ou d5-e3 para o cavalo.

(b) o rei branco está cortado em sua linha interior de comunicações-LIC (não pode jogar ♗h1 em sua defesa), e também o próprio rei corta LIC e LEC da ♞h1 e da ♞a1.

Diagnóstico: brancas tem pior coordenação das peças e total perda da iniciativa. Estão mal justamente na especialidade mais sutil de Capablanca, a enxadrística da posição!

21.♗e4 ♖f4 22.♞d2 ♞h4 23.♗f1 Depois da partida podemos ver (confirmar!) que se 23.♞e1 ♞h6 24.♗f5 ♞g5+ 25.♗g4 ♞be8 26.♞f1 ♞e2 27.h4 ♞e7 (ameaçando ♞e3+) 28.♞h2 ♞xh2 29.♗xh2 ♞xh4+ 30.♗g1 f5 (este tipo de lance decisivo sempre existe devido à falta de coordenação das peças brancas) 31.♞e1 ♞h6 32.♗xf5 ♞xf5 ganhando.

No momento da partida não é necessário ficar calculando toda a variante, as coisas acontecem favoravelmente pois em "posição favorável, complicações táticas favoráveis", o que explica porque Capablanca nunca tenha ficado mal de tempo no relógio! O mesmo acontecia com Tal e Fischer, depois com Karpov e atualmente com Anand.

23...f5 24.♗c6 ♞f6 25.d5 Embora o efeito seja apenas marginal, e como o bispo não tem para onde ir, resta defendê-lo, e neste caso com um lance que corta suas próprias LIC com a ala de rei, mais precisamente na defesa de f3.

O desenvolvimento da ofensiva negra, por sua correção "operativ", só faz aumentar ainda mais o decaimento na coordenação das peças brancas.

25...♞d8 26.♞d1 Se 26.♞f2 ♞h3+ ou então se 26.♗b7 ♞b6, ganhando em ambos os casos.

Ciclo de Palestras do Clube de Xadrez de Curitiba - 01 de Junho de 2011
HENRIQUE MARINHO: CAPABLANCA, GÊNIO "OPERATIV"!

26...♖xc6 27.dxc6 ♖xd2 28.♖xd2 ♗e6 29.♖d6 ♗c4+
30.♗g2 ♗e2+ 0-1

"Capablanquina" autêntica; puro "xadrez operacional"!

CONCLUSÃO:
PORQUE CAPABLANCA É O "CARA"?

Por atuar na essência do xadrez! Como Haydn na música, Capablanca também buscava a perfeição da forma!

Dizia: "Quando se senta para jogar, é preciso pensar apenas sobre a posição e não sobre o adversário. Sendo o xadrez considerado uma ciência, uma arte ou um esporte, de qualquer modo a psicologia não tem nenhuma relação com isso e só atrapalha o caminho do xadrez verdadeiro" (Capablanca *apud* Kasparov pp. 235-236).

Com estas palavras Capablanca demonstrava que no âmbito do método indireto (infraestrutura operacional) sua busca era essencialmente a do desequilíbrio posicional, não lhe interessando o desequilíbrio psicológico resultante que afinal causava o erro de seus adversários que atribuía à sua sorte. Na verdade, ao empregar apenas o desequilíbrio posicional, portanto ações sem riscos no avanço de seu plano de jogo, e mesmo sem recorrer diretamente ao uso da psicologia, este desequilíbrio posicional se transformava em um verdadeiro fantasma ameaçador aos seus adversários, o que acabava sendo o mais sutil dos desequilíbrios psicológicos, aquele que é criado somente pela própria cabeça de seus oponentes.

E por conta disso o adversário se apavorava ou, no outro extremo, pensava que Capablanca errava, e assim respondia com um erro o acerto do cubano, que mostrava, por essa via, mais uma vez porque a "sorte" tanto o favorecia.

Portanto, em oposição a Tal com seus sacrifícios caóticos na busca direta do desequilíbrio psicológico, a operacionalidade de Capablanca buscava o desequilíbrio posicional e, apenas como aproveitamento de suas sobras indiretas por conta do adversário, o desequilíbrio psicológico.

A estratégia de Capablanca é simples. Sua tática é rigorosa pela ênfase de suas ameaças de decisão na esteira de suas famosas "petite combinaison". E ainda muito mais vasta sua tomada "operativ" cujos aspectos superestruturais são revelados sob o signo da aplicação e obediência às mais rigorosas expectativas da enxadrística da posição!

É por tudo isso que qualquer enxadrista, mesmo de elite, quando produz uma "capablanquina legítima" se enche de orgulho e satisfação porque sabe perfeitamente bem que está praticando o xadrez autêntico, o xadrez da mais extrema pureza como faria o próprio José Raul Capablanca.

oOo

APÊNDICE:
DUAS "CAPABLANQUINAS"

Gostaria de mostrar duas "capablanquinas": a primeira jogada no início de minha carreira enxadrística, em 1959; a segunda ao seu final no que tange ao xadrez prático encerrado no Open "Graciosa Country Club", Curitiba 1983.

Como todo enxadrista também sinto orgulho e satisfação de um dia ter conseguido produzir uma "capablanquina"!

Paulo Alves dos Santos - Henrique Marinho
Torneio Extraordinário da Liga Campineira de Xadrez
Campinas, 03/10/1959

1.♗f3 e6 2.d4 d5 3.e3 ♗f6 4.♗d3 ♗bd7 5.♗bd2 ♗e7
6.O-O O-O 7.e4 dxe4 8.♗xe4 ♗xe4 9.♗xe4 ♗f6 10.♗d3
b6 11.♗e2 ♗b7 12.♗a6 (a forte influência eliskaseana no
xadrez campineiro não permite ver o "sacrifício" de "cessão
do par de bispos") 12...♗xf3 13.♗xf3 ♗xd4 14.c3 ♗a4
15.♗e2 ♗ad8 16.b4 ♗c6 17.♗b2 ♗d5 18.♗ac1 ♗f6
19.♗b5 ♗f4 20.♗g4 ♗xb5 21.♗xf4 ♗g5 22.♗g3 ♗xc1
23.♗xc1 ♗e2 24.♗f1 ♗d1 0-1

Henrique Marinho - Marlus Hubert
Torneio Interclubes Paranaense
Curitiba, 17/09/1982

1.e4 c5 2.♗f3 ♗c6 3.d4 cxd4 4.♗xd4 d6 5.♗c3 a6 6.♗e2
g7 7.O-O ♗g7 8.♗e3 ♗f6 9.♗xc6 bxc6 10.e5 dxe5
11.♗xd8+ ♗xd8 12.♗b6+ ♗e8 13.♗f3 ♗d7 14.♗c7 e4
15.♗xe4 ♗d5 16.♗g3 ♗xb2 17.♗ab1 ♗d4 18.♗fd1 ♗c3
19.♗xc3 ♗xc3 20.♗b3 ♗a5 21.♗bd3 1-0

BIBLIOGRAFIA

- BEAUFRE, A.; *Estratégia da Ação*; Bloch Editores; Rio de Janeiro 1970. Termo afim de "estratégia operacional", "método indireto" ou "estratégia de ação indireta".
- CAPABLANCA, J.R.; *Chess Fundamentals*, Cadogan Chess; London 1994.
- CAPABLANCA, J.R.; *Ultimas Lecciones*; Ricardo Aguilar Editor; Madrid 1942.
- CAPABLANCA, J.R.; *My Chess Career*, Dover Publications; New York 1966.
- CHERNEV, I.; *Capablanca's best chess endings*; Dover Publications; New York 1978.
- ELISKASES, E.; *Jogo de Posição*; Edição do Autor; Rio de Janeiro 1943.
- HOROWITZ, A.; *All About Chess*; New York 1971. Esta informação sobre "a imortal do zwischenzug" (lance intermediário) consta do "Chess Notes n.º 4107", do grande historiador do xadrez Edward Winter. "O primeiro uso conhecido do termo "zwischenzug" não havia acontecido até 1933, quando os autores americanos, Fred Reinfeld e Irving Chernev, usaram-no em seu livro "Chess Strategy and Tactics" (Wikipedia).
- KASPAROV, G.; *Meus Grandes Predecessores; Volume 1*; Editora Solis; São Paulo 2004.
- LIDDELL HART; B.H.; *As Grandes Guerras da História*; Ibrasa; São Paulo 1967. O termo "método indireto", que emprego, é sinônimo de "estratégia de ação indireta" mais comumente empregado pelo referido autor.
- MARINHO, H.; *Maiorias Qualitativas nas Defesas Índias*; Ibrasa, São Paulo 2004.
- PANOV, V. N.; *Capablanca*; Ediciones Martinez Roca; Barcelona 1973.
- RETI, R.; *Los Grandes Maestros del Tablero*; Editorial Fundamentos; Madrid 1987.